

A organização do trabalho é compreendida não somente pela separação do trabalho, ou seja, a divisão das tarefas, os ritmos determinados e modos de trabalho prescritos, mas fundamentalmente, diz respeito à divisão das atividades, revelada pelas hierarquias e os sistemas de controle envolvendo a forma como se lida com o poder e as responsabilidades. As novas formas de organização do trabalho, advindas com o capitalismo, demonstram um modo de dominação social muito mais elaborado e requintado, sendo por isso difícil de ser identificado. Os trabalhadores acabam sendo deparados com contradições nas regras, objetivos e controles. Assim, a falta de uma prescrição condizente com o labor real, abre margem para que as exigências do trabalho se tornem constantemente presentes, e permite que elas sejam invisibilizadas, ameaçando tanto o indivíduo em função do medo da perda de emprego, quanto o coletivo, desestabilizando-o. Essas exigências podem produzir consequências sobre a saúde dos trabalhadores. A presente pesquisa propõe a investigação da organização dos sistemas de trabalho no contexto de professores de Instituições do Ensino Superior (IES) privado. Para tanto, foi utilizada a fundamentação teórica e metodológica da Psicodinâmica do Trabalho proposta por Christophe Dejours. Foram feitas entrevistas com 18 professores de IES privado. A partir dessas entrevistas foi possível perceber na fala dos entrevistados o investimento físico e mental que há no trabalho docente, onde, com frequência, os limites físicos das instituições não os impedem de trabalhar. O trabalho não é, como se acredita frequentemente, limitado ao tempo físico efetivamente passado na instituição, ele mobiliza outros momentos e espaços para ser efetivado. Os docentes relataram uma alteração da função social da educação por adquirir uma função econômica, percebendo-a como mais um produto disponível no mercado. Foi relatada a preocupação muito maior por parte das IES em gerar lucro, do que com a formação de qualidade. Ainda, muitas vezes não há um empenho em manter o docente na Instituição, e nem uma preocupação com a questão da instabilidade que ele vive. O trabalho docente, especialmente no caso dos professores contratados como horistas é pago pelas horas trabalhadas em sala de aula, ou ocupadas com orientações e supervisões. A exigência para dedicação ao trabalho no campo acadêmico é algo que vai além do que está previsto. Por isso, foi identificado um trabalho invisível que não é remunerado, pois, se não está aos olhos da gestão, ele supostamente não existe.